Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

IDENTIDADE NO SENTIR AS COISAS E CONCEBER A VIDA

DISCURSO PROFERIDO NO PALÁCIO ITAMARATY, EM BRASÍLIA, A 8 DE SETEMBRO DE 1967, POR OCASIÃO DA HOMENAGEM DO GOVERNO BRASILEIRO AO REI OLAV V, DA NORUEGA.

Os povos, como os indivíduos, necessitam arrimar-se na contemplação do exemplo uns dos outros para melhor aferir o acerto da própria experiência e mais seguramente conduzi-la pelos meandros do futuro.

A circunstância de estarmos recebendo pela primeira vez a visita de um Chefe-de-Estado escandinavo dá-nos oportunidade de procurar, entre as dessemelhanças afirmadoras da personalidade nacional de cada um, os pontos de contato e afinidade que integram nossos povos numa comunidade de aspirações políticas, econômicas e sociais. Costumam dizer os súditos de Vossa Majestade, a propósito das características da configuração geográfica de seu fascinante País, que «o mar une, e não separa». Fisicamente, nossas afinidades poderiam ser explicadas ou simbolizadas pela providencial mediação do Atlântico, de cujas águas somos ambos beneficiários; nós, pela amenização de clima de nossa costa; e os noruegueses, inversamente, pela compensação do calor irradiante levado às suas longas e gélidas noites de inverno.

Mas, além desse traço físico de união, poderia Vossa Majestade perceber a estranha aproximação de temperamentos existente entre noruegueses e brasileiros se tivesse tempo de verificar, em uma de nossas salas de concerto, a popularidade reveladora da música de Grieg, que não chegaria a tocar-nos tão profundamente se não houvesse entre nós uma identidade íntima no modo de sentir as coisas e de conceber a vida. A difusão da literatura norueguesa entre nós, de Ibsen a Knut Hamsum, atesta igualmente a nossa vizinhança espiritual, tão importante quanto a de fronteira.

A Noruega se apresenta hoje como exemplo edificante de um país que soube vencer a natureza para domá-la e colocá-la a serviço

do homem, constituindo um remanso de paz no Mundo conturbado de nossos dias, por haver organizado uma comunidade economicamente desenvolvida e socialmente equilibrada; e por ter chegado — em virtude da constância com que experimentou e aperfeiçou suas instituições — a uma organização política em que os Poderes do Estado coexistem, respeitam-se e completam-se, em perfeito sistema de atendimento das necessidades e aspirações do povo.

Uma das nações mais felizes da terra, veio de atividades primárias, como a pesca e a agricultura, para exibir um alto nível de progresso industrial, com os índices mais elevados de produção de energia elétrica *per capita* da Europa. Mas seu processo de desenvolvimento — eis aqui um segundo ponto de contato entre os nossos países — é fruto do Século XX, e só pela experiência histórica se liga à revolução industrial. Ainda aí temos que nos debruçar, respeitosamente, sobre o seu exemplo, pois também nós buscamos o desenvolvimento moderno sem os preconceitos ideológicos do Século XIX, de modo a alcançá-lo sem qualquer prejuízo da liberdade e dos direitos humanos; antes concebendo-o, tal qual fizeram os noruegueses, como caminho e instrumento para a edificação de uma sociedade livre.

A composição étnica da população da Noruega, constituída de grupos raciais diferentes que se amalgamaram para adquirir uma perfeita consciência de unidade, deveria ser indicada como um terceiro ponto de aproximação com o povo brasileiro. Prefiro, contudo, lembrar outro marco de identidade, que será mais grato a Vossa Majestade, avocando a energia dos «vikings», que levou tão poucos homens a penetrar tão extensas regiões desconhecidas, para trazer de volta à Noruega o tesouro do Evangelho, pelo qual morreu Santo Olavo, um de seus antecessores no Trono, e que tamanha influência veio a ter na construção do belo edifício político-social que é o moderno Estado norueguês.

Aqui nos tocamos de novo, Majestade, porque é comum aos nossos dois povos a determinação de escalar a montanha do progresso para melhor contemplar a Humanidade, quando alcançarmos no seu cume, em segurança plena, a fonte perene das riquezas espirituais.

Antes que existisse nesta parte do Mundo um projeto de nação organizada, os «vikings» nos descobriram ao extremo-norte e perlustraram as terras do Alaska. E mais tarde, por um desses caprichos da História, quando os antepassados de Vossa Majestade decidiram empreender o esforço decisivo para conquistar e consolidar a independência nacional, foi nos ideais da Revolução Americana — fonte comum da História Moderna — que se inspiraram para plasmar a admirável e sábia constituição que ainda hoje rege a vida e os destinos da Noruega.

Nesta enumeração natural de traços de união, que Vossa Majestade percebe estar sendo feita sem um mínimo de apelo ao artifício re-

tórico, não quero deixar de incluir a amável presença da Princesa Ragnhild, que, pelo conhecimento da nossa língua, falando como nós e aqui vivendo como um dos nossos, pode dar-lhe testemunho da soma de fatores de aproximação, identificáveis entre a Noruega e o Brasil.

O Poder Real de Vossa Majestade está alicerçado numa tradição de luta pelos direitos humanos, que levou os legisladores noruegueses a promulgar ainda no Século XIX leis avançadíssimas sobre a participação política da mulher na construção do invejável edifício social que hoje se oferece a nossa contemplação. A harmoniosa distribuição da renda nacional, o amparo à velhice, a garantia do trabalho, a assistência à infância e à juventude, a começar pela segurança do ensino gratuito e obrigatório até a cúpula abrangente das universidades — tudo isto, que já se assegurou praticamente a toda a população norueguesa, constitui hoje, no Brasil, aspiração comum de governantes e governados, com a diferença única de que, em nosso caso, teremos de ter um pouco mais de paciência, porque habitamos um país de dimensões continentais.

Vale, entretanto, assinalar este último e supremo ponto de identidade entre nossos povos e nossos governos. No Brasil, como na Noruega, o homem é o vetor das preocupações do Estado, que o vê, antes de tudo, como parte da criação, investido por Deus da responsabilidade e do dever de aperfeiçoá-la, aperfeiçoando-se a si mesmo.

Eis porque o Governo e o povo do Brasil recebem com tanta alegria a visita de Vossa Majestade, identificando em sua augusta pessoa a honrosa encarnação das virtudes, da sabedoria, da energia indomável e da espiritualidade do povo da Noruega.

A presença de Vossa Majestade a meu lado, ontem, no Rio de Janeiro, durante o desfile das Forças Armadas do Brasil, comemorativo de mais um aniversário de nossa Independência, trouxe-nos à memória a epopéia vivida pelo povo norueguês, na intransigente defesa do patrimônio comum das liberdades humanas. Fez-nos lembrar, outrossim, a vontade solidária que na última guerra mundial congraçou os soldados brasileiros e noruegueses, estes comandados por Vossa Majestade, então Príncipe-Herdeiro. Recordou-nos, por fim, a fraternal camaradagem existente entre os contingentes do Brasil e da Noruega, na Força de Emergência das Nações Unidas, que, por mais de um decênio, contribuiu para a preservação da paz no Oriente Próximo.

Seja Vossa Majestade feliz em sua estada no Brasil, que o acolhe com o afeto dispensado aos velhos e valorosos amigos.